

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A
PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré



**EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO
TERRITÓRIO A PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO¹**

**ANTIRRACIST EDUCATION IN GEOGRAPHY EDUCATION:
PERSPECTIVES OF RELATIONAL DIVERSITY IN THE TERRITORY FROM
THE INVESTIGATIVE STAGE**

Hudson Nascimento de Sousa Filho – UFT – Araguaína - Brasil
hnascimento329@gmail.com

Radu Armand Serbu – UFT – Araguaína - Brasil
raserbu@hotmail.com

Reges Sodré – UFT – Araguaína – Brasil
regessodre@gmail.com

RESUMO:

Esse trabalho teve por objetivo descrever as experiências de estágio investigativo II, onde foram realizadas observações e desenvolvido um projeto voltado para educação antirracista na perspectiva relacional do território. Na primeira parte analisa-se as observações de 8 aulas na escola campo, procurando apontar as concepções de território trabalhadas pela professora regente. Na segunda parte, descreve-se o projeto desenvolvido com o objetivo de compreender as principais características do racismo na cultura brasileira e tematizar caminhos de valorização dos sujeitos negros para uma educação étnico-racial e antirracista a partir de elementos culturais africanos estudados através da culinária e vestimenta deste povo. Considera-se que a concepção de território presente na sala de aula ainda é muito restritiva, pois pouco desenvolve sua faceta relacional. Dessa forma, afirma-se a necessidade de discutir

¹ Trabalho resultado da disciplina de Estágio Investigativo II do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, campus Araguaína. Foi orientado pelo prof. doutorando Reges Sodré.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

uma educação antirracista no ensino de geografia, sustentada em concepções relacionais do território.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Educação antirracista. Diversidade territorial.

ABSTRACT:

The objective of this work was to describe the experiences of investigative stage II, where observations were made and a project focused on antiracist education in the relational perspective of the territory. In the first part we analyze the observations of 8 classes in the field school, trying to point out the conceptions of territory worked by the teacher regent. The second part describes the project developed with the objective of understanding the main characteristics of racism in Brazilian culture and thematizing ways of valuing black subjects for ethnic-racial and antiracist education based on african cultural elements studied through cooking and clothing of this people. It is considered the the conception of territory present in the classroom is still very restrictive, as it does little to develop its relational facet. Thus, it is necessary to discuss an antiracist education in the teaching of geography, based on relational conceptions of the territory.

Key-words: Teaching Geography. Antiracist education. Territorial diversity.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado a partir de observações qualitativas emergentes em sala de aula sob “método da investigação” (LUCKESI, 1994, p. 125), desenvolvidas no Ensino Fundamental do Colégio Estadual Campos Brasil. Assim sendo, objetiva-se expor uma abordagem acerca da estrutura pedagógica socioeducativa emergente a sua discentes fruto de um fragilizado contexto socioespacial local da cidade de Araguaína-TO à respeito do ensino da diversidade territorial, analisando as práticas de ensino de geografia empregadas em sala de aula a partir de seus aspectos contextuais buscando respostas às práticas pedagógicas significantes para educação antirracista.

Para tal, metodologicamente – nos caminhos científicos (método) explicativos materialistas históricos e dialéticos pautados na totalidade das relações sociais (MARX, 2008) no que se confere na compreensão da essência (estrutura e dinâmica) do objeto (PAULO NETTO, 2011) aqui estudado – apoiamo-nos primordialmente em leituras a respeito do território material formado a priori por seus recursos percentes ao Estado (RATZEL apud MORAES, 1990) à formação de um território a partir dos conflitos de poderes, e Poderes, relacionais (RAFFESTIN, 1993), consoante uma leitura da diversidade

territorial a partir das relações presentes na diferença socioespacial direcionada ao desenvolvimento didático da educação antirracista (KAERCHER, 2011, 2011a). Questões teórico-metodológicas pautadas na construção de uma educação antirracista no ensino de geografia que deve ser libertador e engendrado em sala de aula – em contraste com as experiências espaciais locais/globais das partes envolvidas (professores-estudantes) – do ensino fundamental, ciclo superior (BRASIL, 1998; LUCKESI, 1994; PIMENTA; LIMA, 2004; VESENTINI, 2009; SOUZA, 2011); dando base ao estudo aqui apresentado junto às observações, realizadas em escola campo, citadas no parágrafo anterior.

O que resultou na aplicação de um Projeto de Ensino de Geografia, intitulado “Do racismo à valorização da Cultura Negra: perspectivas a partir da Geografia”, envolvido na temática “20 de Novembro: uma data para todos os dias”, aplicado para estudantes das séries fundamentais do 8^a ano A e B, que teve como caráter principal a tomada de consciência a respeito da cultura negra brasileira mediante certa problematização das práticas racistas presentes em nosso contexto social de lógica capitalista.

ESTUDO DA DIVERSIDADE RELACIONAL DO TERRITÓRIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM SALA DE AULA

Na abordagem do estudo sobre a diversidade relacional do território em sala de aula, a priori sob “método expositivo” (LUCKESI, 1994, p.128), fez-se necessária uma concepção metodológica que permite-se aos estudantes compreenderem a realidade ao qual estão inseridos. Esta compreensão se adquire ao criticarmos o contexto socioespacial de nossas vidas a partir de seus aspectos ponderastes percebíveis. O que nos leva a uma abordagem, em primeira parte, descritiva à respeito das práticas metodológicas e técnico-metodológicas de ensino e estudo do território da diversidade observadas nos 8 encontros das aulas de Geografia – todas com conteúdos trabalhados sobre:

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A
PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

África e seu território – nos 8º anos A e B, Colégio Estadual Campos Brasil, Araguaína-TO, no período de Novembro à Dezembro do ano de 2017.

No 1º encontro (06/11/2017): dando início ao estágio investigativo II – no que confere às observações em sala de aula quanto às metodologias de ensino desempenhadas no contexto das escolas públicas brasileiras – começamos nossas observações no oitavo ano A, das 09:40 as 10:30 horas do turno matutino. Sem atrasos identificamos o tema logo em primeiro contato, se tratando da África; compreensão adquirida através do diálogo e descrição do tema por parte da professora. Com quadro organizado em tópicos e a sala em fileiras, sem resistência por parte da turma, deu-se procedimento à aula; fruto de uma relação “professora-estudantes” amigável pautada na troca e interação de conteúdos no desenrolar do processo ensino-aprendizagem. Não havendo a necessidade de acordos ou regras afins. O que implicou em significantes resultados, uma vez que a professora não reclamou das(os) estudantes, nem apresentou outras objeções. Discutiu-se brevemente o tema da cultura africana a partir de aspectos simbólicos (comidas típicas e vestimentas sendo os principais temas) que consolidaram este povo e estudou-se traços da colonização e descolonização do continente negro na leitura de texto disponibilizado pela professora e resolução de exercícios, mas ainda arraigados na visão *reducionista* e *eurocêntrica* de abordagem teórico-metodológica da categoria território.

Reducionista na medida em que a abordagem do conteúdo voltou-se em mostrar um aparato teórico preocupado nas abordagens clássicas presentes, por exemplo, nos escritos de Ratzel apud Moraes (1990), lendo o território como fonte imensurável de recursos cujo total de suas características físicas são de posse superior do Estado. Assim, – e ainda à contribuir com a então certa redução do estudo por não aplicar uma leitura contextual cabível para compreensão dos poderes (RAFFESTIN, 1993) que entram em conflito na formação relacional dos territórios – *Eurocêntrica*, logo, pois promove uma visão unilateral do processo de formação da moderna configuração territorial

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

africana atribuindo a totalidade relacional dos poderes às superpotências imperialistas da época, deixando de lado o poder da tradição cultural expresso simbolicamente nos costumes, e mais, na resistência destes povos frente ao processo de colonização e invasão de seus territórios (SOUZA, 2012). Interpretações retiradas do material entregue pala(o) professora(or) e usado em aula do dia 06/11/2017 (figuras 1 e 2).

O 2º encontro, também no dia 06/11/2017, no 8º ano B, das 10:30 as 11:20 horas, procedeu na mesma dinâmica do primeiro encontro realizado no 8º A. Houve uma explicação a respeito das temáticas territoriais que constituem o continente africano e aplicação de exercício. Não havendo mais tempo, a atividade ficou para terminar em casa e ser entregue na aula seguinte.

No dia 07/11/2017, das 10:30 as 11:20 horas, turno matutino, ocorreu o 3º encontro na turma oitavo ano B. A aula começou com uma retomada do conteúdo sobre a colonização africana contido no material fotocopiado disponibilizado pela professora. Esta recapitulação dos conteúdos referente a gênese do atual estado do território africano desenvolveu-se a partir de uma necessidade, apontada pela professora, de revisão para fixação dos conteúdos.

Onde a mesma propôs, também, uma leitura coletiva e, após explicação realizada em aula, promoveu um debate e discussões da sobreposição da “raça” branca sobre a “preta”, ao ponto que se manteve omissa a principal discussão sobre o território pautada no estudo dos poderes relacionais que postos em conflito materializam-se e dão vida aos territórios sob aspecto relacional (RAFFESTIN, 1993) indispensável para compreensão e problematização das ações construtoras de territórios racistas, sobretudo, nas escolas. Por fim corrigindo os trabalhos das(os) estudantes aplicado na aula anterior e atribuindo notas posteriormente.

Figura 1 – Fotocópia do material teórico usada em aula.

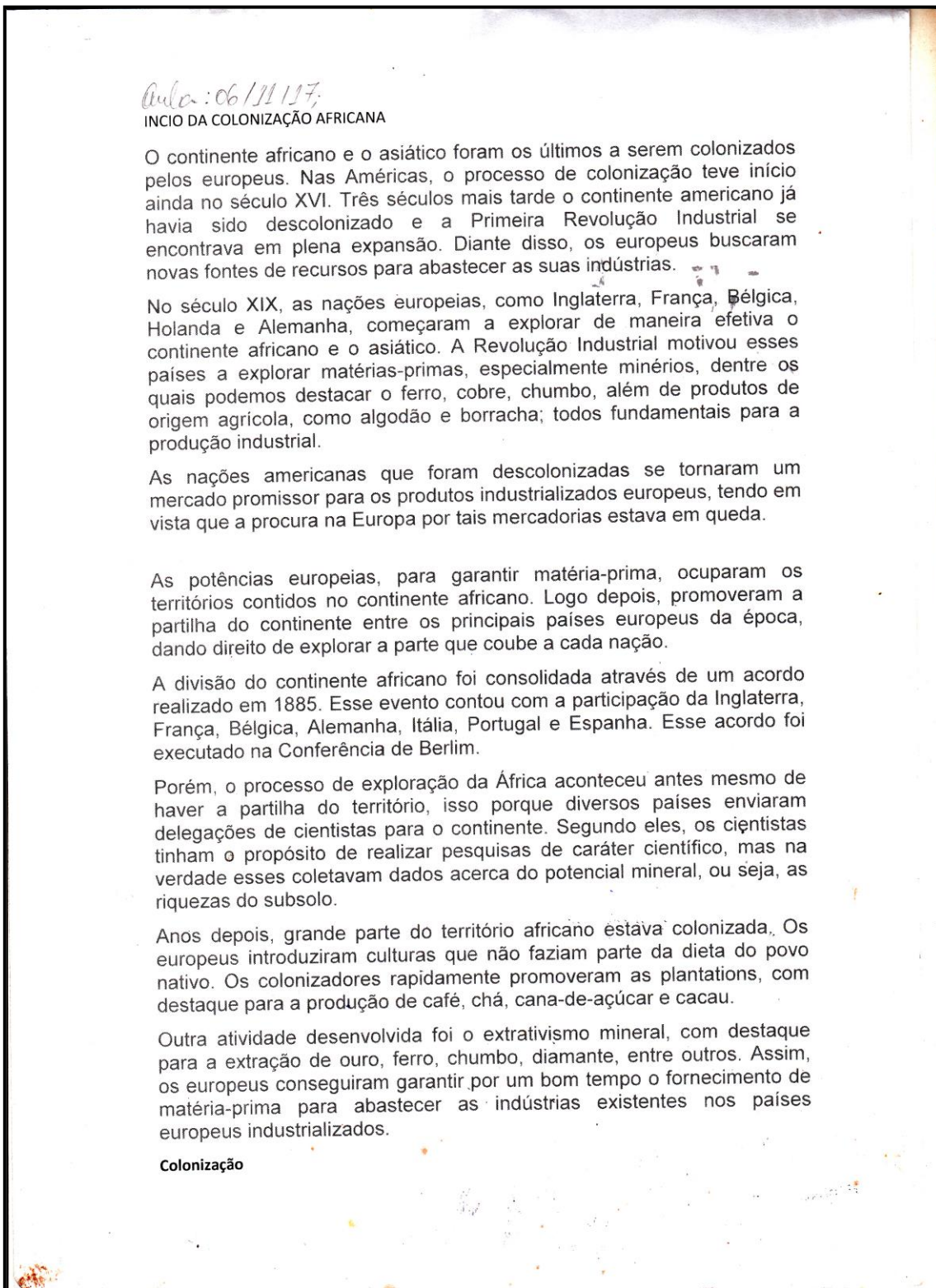
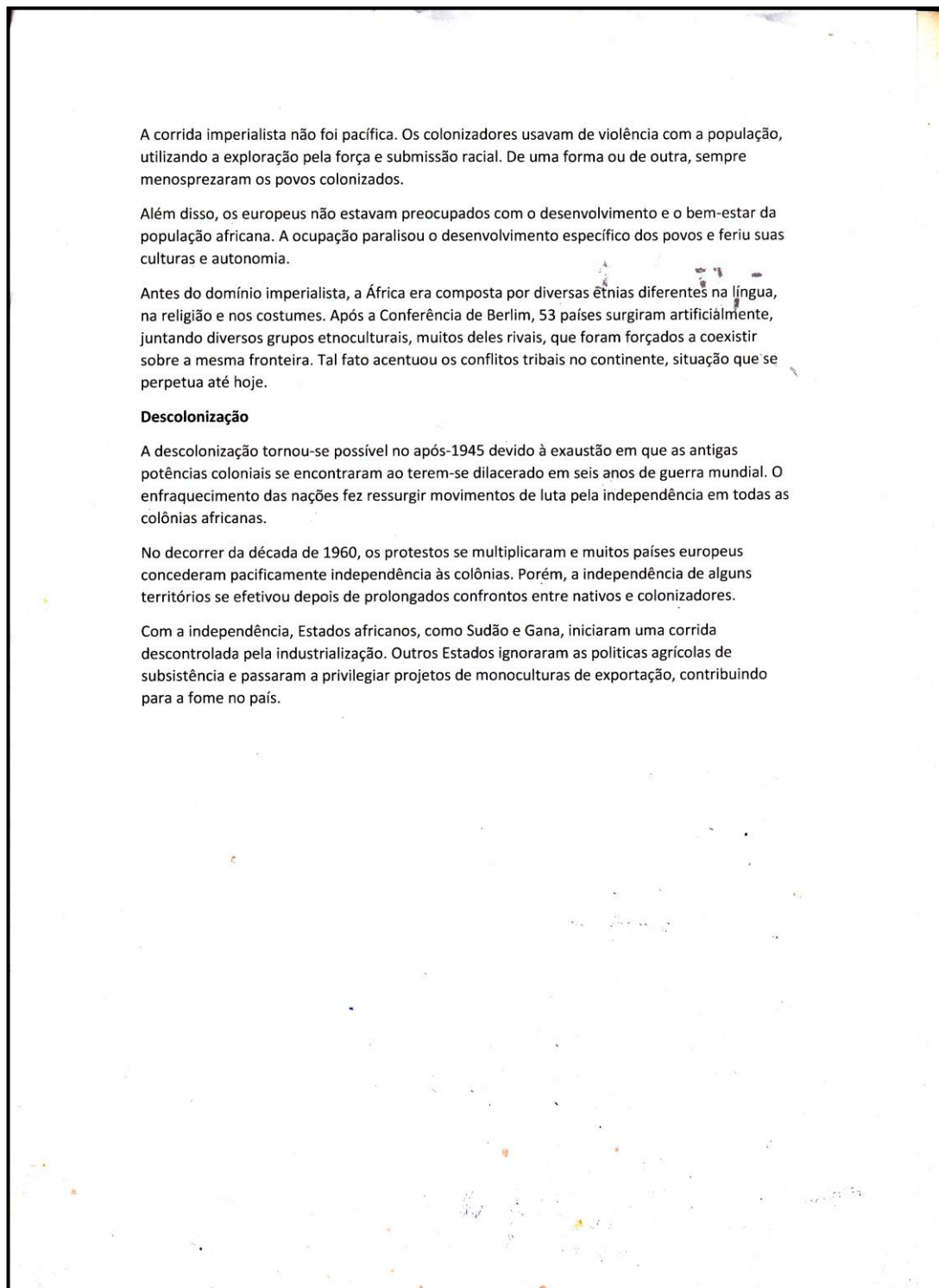


Figura 2 – Continuação (verso da folha).



EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A
PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

Começando com a correção dos exercícios aplicados na última aula, o quarto encontro, realizado no dia 09/11/2017, das 10:30 as 11:20 horas, em primeiro momento realizou-se discussões envolvidas nos trabalhos voltados aos estudos exercitados sobre a colonização, descolonização e formação territorial africana. Finalizando com atribuição de notas por parte da professora, que posteriormente liberou as(os) estudantes para construírem as apresentações e planejarem em grupos seus arranjos para as atividades do dia 20 de Novembro.

Dia 20/11/2017, não sendo um encontro em sala de aula, ocorreu a aplicação do Projeto de Ensino de Geografia no turno matutino – elaborado, organizado e aplicado a partir de uma parceria entre o curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Tocantins-Araguaína e o Colégio Estadual Campos Brasil – discutido teórica e metodologicamente no próximo capítulo na esperança de contribuir com o debate da diversidade e de sua importância para com o ensino de geografia.

Voltando aos encontros em sala de aula, o quinto – realizado no dia 21/11/2017, das 10:30 as 11:20 horas, no 8º ano B – teve como pauta principal uma reflexão crítica à cerca da desenvoltura do projeto aplicado no dia anterior. Onde ocorreu uma avaliação e atribuição de notas de forma coletiva pela classe como um todo. Sendo a turma liberada logo em seguida pela professora no fim da aula.

Aplicou-se prova individual e sem consulta no 6º encontro – realizado no dia 23/11/2017, das 10:30 as 11:20 horas, no oitavo ano A – à respeito de toda temática estudada até então sobre os conteúdos que abordam o território e a cultura africana. Sendo a turma liberada ao soar do sino final.

Dia 04/12/2017, das 10:30 as 11:20 horas, no oitavo ano B, a professora realizou a correção da prova aplicada na última aula junto a turma, discutindo e explicando questões expostas sobre a temática territorial e cultural da África estudadas na construção do projeto de ensino de geografia e liberando a turma logo em seguida terminadas as atividades.

Enfim, no dia 07/12/2017, das 10:30 as 11:20 horas, a professora reuniu as turmas dos oitavos anos A e B para finalização do bimestre com aplicação de um recurso didático audiovisual sendo este o filme: Mandela. Estreado numa temática que discute a luta deste militante do movimento negro na África, sobretudo no Sul, contra as políticas de segregação racial do regime apartheid adotado no contexto de entre 1948 a 1994 para consolidação dos territórios dos povos africanos. Encerrando-se a aula com discussões, sobre os conteúdos estudados nos últimos encontros, entre a professora e as(os) estudantes presentes. Cabendo a nós, quanto estagiários, o papel de aprender na prática do contexto escolar de ensino fundamental!

Ficou sempre bem explícito que o Projeto Político Pedagógico da Escola (CAMPOS BRASIL, 2017) apresentou uma proposta de trabalho anual para caminhar e agir nas aulas de forma crítica e reflexiva. Onde a professora, seguindo tais premissas, criou um processo de ensino/aprendizagem sobre “os países da África e América Latina no contexto da nova ordem mundial (BRASIL, 1998, p. 8)”. Temas a serem estudados pois tomados como quesito basilar nos objetivos expostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para estudantes do 4º ciclo da educação básica.

Dessa forma, as aulas a respeito da África e sua dinâmica territorial foram guiadas no entendimento de que o início da colonização africana deu-se a partir de pressupostos políticos e econômicos sobrepondo-se às diferenças multiculturais desses povos. Como se fosse um bolo dividido entre as potências europeias, segundo material didático criado, fotocopiado e entregue aos estudantes, para uso nas atividades, pela professora (figuras 1 e 2).

Discutiu-se muito sobre os “territórios” e seus potenciais em recursos naturais explorados pelos países imperialistas até o início do período pós-segunda guerra, quando vira ocorrer a descolonização do continente negro. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais é bastante relevante trabalhar os conteúdos de ensino para estudantes do 8 ano perante uma proposta

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

pedagógica acentuada em torno do discurso político relacional que materializam os diversos territórios contidos no espaço, pois

[...] nessa faixa etária de sua aprendizagem já pode começar a compreender o significado da política e dos conflitos étnicos e sociais que ocorrem no interior das sociedades. O professor deverá ajudá-lo na compreensão de que, em grande parte, esses conflitos nascem da disputa pelo poder, seja de uma classe, etnia ou de um território sobre outro. [...] temas como o território, Estado e nação poderão ser trabalhados analisando-se e permitindo ao aluno compreender como eles, no processo histórico, estão sempre sendo redefinidos; como a mobilidade das fronteiras está no interior da explicação dos processos e conflitos que ainda emergem regionalmente em vários continentes (BRASIL, 1998, p. 107).

Em se tratando de método e procedimentos de ensino, para além das visões reduzidas que centralizam o poder e narram glórias de parte da história contida no “imaginário colonial escravista” (SOUZA, 2012, p. 37), é necessário uma apreensão da totalidade dos conteúdos a serem transmitidos e absorvidos pelo público geral a partir de uma abordagem *dialética* (LUCKESI, 1994), que venha consolidar uma visão crítica e social dos conteúdos expostos em sala de aula, fomentando neles traços da realidade vivida no contexto cotidiano de todas as pessoas envolvidas no processo educacional proposto. Uma vez que, o conhecimento da realidade se faz insubstituível e

[...] exige uma forma metodológica de abordá-la, uma perspectiva segundo a qual a realidade é vista. Aqui o método ganha o seu caráter teórico, ou seja, o modo segundo o qual ele permite que a realidade seja apreendida do ponto de vista do conhecimento. [...] ainda dentro desse caráter teórico do método, deve ser compreendida a ação, ou seja, as ações humanas também dependem de uma “visão”. [...] tanto o método quanto as ações estão determinadas por uma visão teórica da realidade que “informa” a ação e os resultados dessa ação. Essa é a ótica teórico-metodológica do método. (LUCKESI, 1994, p. 151).

Com essa visão voltada ao campo dialético das ações humanas é que reafirmamos a necessidade de se trabalhar o ensino da diversidade do território – e suas diversas variações nas escalas geográficas (relacionais) podendo variar conforme a complexidade do conflito construído da rua ao bairro, do

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

bairro à cidade, do estado ao país e assim sucessivamente (CASTRO, 2005) – na educação básica sobre a perspectiva crítico-social dos conteúdos, ao ponto que se analise as vias relacionais de poder e Poder (RAFFESTINI, 1993) que materializadas expressam o ordenamento territorial de um determinado espaço. Ou seja, dar suporte metodológico e técnico-metodológico para que se crie um pensamento crítico e espacial reflexivo sobre as intencionalidades do poder arraigadas preconceituosamente sobre o povo negro no Brasil. Práticas que fizeram o racismo uma ação cultural engendrada em nossa sociedade.

Sendo, todavia, o ensino da diversidade relacional territorial uma ação teórica, – quando mediado em concordância à problematização das territorialidades² que simbolizam, e/ou rodeiam, a cultura afro-brasileira – fundamental para listar e compreender a visão de superioridade que se emprega de determinados grupos sociais a outros. Destarte, em comparação aos eventos que prestigiamos cotidianamente, é importante uma abordagem que leve em consideração um ponto de vista “que enfatize as relações de poder no espaço e suas repercussões (GOULART; ANTUNES, 2014).

O ensino de geografia, tratado desta maneira, segundo Vesentini (2009, p. 16),

[...] contribui – em maior ou menor escala, dependendo de suas especificidades – para aprimorar ou expandir a cidadania, para desenvolver o raciocínio, a criatividade e o pensamento crítico das pessoas, sem os quais não se constrói qualquer projeto de libertação, individual ou coletivo.

Somos agentes ativos que compõem o espaço e somos esmagados constantemente pelo real significado de entendermos a essência deste. Assim, a pedagogia crítico social dos conteúdos, “preocupada com a perspectiva de elevação cultural dos educandos a partir da articulação entre o mundo vivido e

² A territorialidade, no nosso ponto de vista, é “algo abstrato”, como diz Souza, mas não num sentido que a reduza ao caráter de abstração analítica. Ela é uma “abstração também no sentido ontológico de que, enquanto “imagem” ou símbolo de um território, efetivamente existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja materialmente manifestado – como no conhecido exemplo da “Terra Prometida” dos judeus. (HAESBAERT, 2007, p. 40-41).

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

a cultura elaborada” (LUCKESI, 1994, p. 155), nos proporciona suporte para construção do “método da solução de problemas determinados” (LUCKESI, 1994, p. 152), apreendido como fator fundamental na proposta educacional contra o racismo, na medida em que possibilita um entendimento crítico em torno dos elementos símbolos expressos no espaço (SANTOS, 2017).

Nesse contexto, “questionar o que o aluno já sabe a fim de superar suas visões de mundo conformistas, conservadoras ou ligadas ao senso comum” (KAERCHER, 1998) é um passo importante para se chegar a uma educação antirracista. Elemento que, a partir de discussões sobre o poder que molda os territórios preconceituosos em nossa sociedade, levaram-nos a optar pela aplicação do Projeto de Ensino de Geografia de temática da Diversidade para que se conscientizem estudantes e professores da educação básica a não admitirmos mais o racismo, e combatermos via fluxos educacionais, esta prática criminosa que assola pessoas e mantém parte da população abaixo na linha da miséria de nosso país.

PERSPECTIVAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO II

A violência – tanto física quanto simbólica – contra o povo Negro é fenômeno digno de atenção devido seu exacerbado crescimento, dados das últimas décadas (BRASIL, 2015), nas relações socioespaciais brasileiras. Assim, na tentativa de compreender e listar os problemas relacionados às práticas preconceituosas consolidadas contra a população negra do Brasil, engendradas culturalmente por um longo processo histórico, o Projeto de Ensino de Geografia desenvolvido na escola e inserido na temática “20 de Novembro: uma data para todos os dias”, intitulado “Do racismo à valorização da Cultura Negra: perspectivas a partir da Geografia”, aplicou-se com a finalidade de conscientizar estudantes do oitavo ano (ensino fundamental), do

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A
PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

Colégio Estadual Campos Brasil – Araguaína-TO, a uma educação antirracista socializando os aspectos culturais estudados sobre o povo africano por meio de práticas socioeducativas construídas em conformidade a princípios pedagógicos libertadores (LIBÂNEO, 1994).

Questões relacionais de poderes presentes no espaço e responsáveis por formar diversos territórios das diferenças tornaram o projeto uma base pedagógica de ensino e aprendizagem capaz de engendrar no cotidiano escolar uma metodologia, que produza um pensamento crítico-espacial nos estudantes, a partir da

[...] codificação-decodificação, e problematização da situação – permitirão aos educandos um esforço de compreensão do “vivido”, até chegar a um nível mais crítico de conhecimento da sua realidade, sempre através da troca de experiência em torno da prática social. (LIBÂNEO, 1994, p. 65).

Neste intuito, durante o desenvolvimento do projeto em sala de aula, procuramos apontar aspectos socioculturais do porquê da prática preconceituosa contra a população negra no espaço brasileiro, usando o dia 20 de Novembro – Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, segundo a Lei Federal número 12.519 de 10 de novembro de 2011 – para promover discussões em torno da violência sofrida por este povo, desenvolvendo diálogos crítico-reflexivos sobre aspectos desta prática racista; postos em contra ponto mediante estudo antirracista sobre esta cultura e a importância da diversidade no processo de ensino aprendizagem da educação básica.

Logo os objetivos trabalhados visaram: (1) compreender as principais características do racismo na cultura brasileira e tematizar caminhos de valorização dos sujeitos negros para uma educação étnico-racial e antirracista a partir de elementos culturais africanos estudados através da culinária e vestimenta deste povo; (2) identificar, no processo de ensino aprendizagem, onde ocorre à aproximação com a cultura afrodescendente; (3) listar os aspectos de ensino aprendizagem através da cultura negra; (4) analisar as relações socioespaciais entre as classes e raças como resultado do processo

de ensino aprendizagem; (5) promover aos estudantes uma aproximação com a cultura afro-brasileira por meio de apresentações com uso prático de trajes, culinárias típicas e danças.

Ora a aplicação deste projeto tornou-se relevante para formação de crianças, jovens e adultos que se dispuseram à desenvolver uma visão crítica e reflexiva para sua futura formação no ensino médio e, posteriormente, na Universidade e, sobretudo, em seu convívio socioespacial. Uma vez que desenvolveram – na medida em que iam identificando-se aos poucos com elementos simbólicos e materiais (uma gíria, um lenço que gosta-se de usar como cobertura ou até mesmo a canjica que gostamos de comer) até então não conhecidos de sua própria cultura – uma conscientização mediante a problematização de alguns apelidos cotidianos como: picolé de pinche, cabelo de bombril ou até mesmo macaco; proferidos, às vezes, em sala de aula. Chegando a uma tomada de consciência – que, mais uma vez, alerta-se que deve ser policiada por nós mesmos todos os dias – para não aceita-se e não (re)produzir-se o racismo. Seja ele em suas práticas físicas ou simbólicas.

Pois, de acordo com o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial 2014, os negros são a maioria no quesito vítimas da violência nacional. Consolidada, “a prevalência de jovens negros serem mais vítimas de assassinatos do que jovens brancos é uma tendência nacional: em média, jovens negros têm 2,5 mais chances de morrer do que jovens brancos no país”. (BRASIL, 2015, p. 21).

Essa tendência pode ser explicada no texto de P. Barbosa (2015, p. 190-191), quando o autor relata que:

A partir da abolição da escravidão negra no Brasil, embora negros/as tenham conquistados a igualdade jurídica, as desigualdades socioeconômicas, educacionais e sociopolíticas permaneceram como fatores discrepantes de manutenção da violência e (in)tolerância contra a população negra pobre brasileira. Em linhas gerais, as heranças estruturais e ideológicas dos mais de três séculos de escravidão se mantiveram fortes, definindo a diferença entre população branca e população negra, sendo que a segunda tem sido vista como segmento social submisso e inferior à primeira. (P. BARBOSA, 2015, p. 190-191).

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

Portanto, fica explícito que todo esse preconceito racial em torno da cultura afrodescendente será desconstruído e superado, principalmente, através da educação de gerações futuras e por meio de práticas públicas voltadas a conscientizar a população brasileira sobre o real significado da cultura e da história desse povo. Justificando a importância da aplicação do projeto no contexto socioeducativo de estudantes do 8º ano (Ensino Fundamental), Colégio Estadual Campos Brasil, Araguaína-TO.

Uma vez que práticas discriminatórias, raciais, xenofóbicas e violentas são aspectos que se consolidaram em nossa sociedade através de fatores sociais históricos, assim como afirma o autor Pedro Barbosa em seu artigo sobre “A violência contra a população de negros/as pobres no Brasil e algumas reflexões sobre o problema” (P. BARBOSA, 2015). Além disso, o “Índice de vulnerabilidade juvenil à violência e desigualdade racial” (BRASIL, 2015), publicado pela Secretária-Geral, aponta que os dados indicam um acentuado crescimento na vitimização desse povo, comprovando a importância de inserirmos – nas escolas – conteúdos problematizantes e programações socioeducativas sobre a Cultura Negra.

Precisar-se-á construir uma educação voltada ao ensino pedagógico antirracista contrário aos ensinamentos racistas que se baseiam e se perpetuam socialmente na atribuição de valores éticos e morais às características fenotípicas dos seres humanos. Para tal, o que podemos fazer

[...] é conversar sobre o tema, criando condições favoráveis para que os alunos externem suas posições, digam o que pensam – sem medo de represálias, para que possam ter suas ideias confrontadas com outros, bem diferentes, e possam, a partir desse confronto, verem abaladas suas posições. (KAERCHER, 2011, p. 96).

Assim, esta construção educacional, pautada no diálogo, se firma de modo crítico e reflexivo quando “problematizamos a pedagogia da racialização” – conceituada como “conjunto de discursos e práticas que imprimem aos corpos” – no que se confere ao modo que esta está sendo aplicada no

cotidiano de sala de aula. Críticas problematizantes foram os primeiros passos que tomamos a frente do projeto, ao ponto que, para obter-se os objetivos almejados, a desconstrução dos paradigmas de valores construídos sobre as raças no processo ensino aprendizagem foram primordiais no engendrar do processo educacional antirracista, conferidas em KAERCHER (2011, p. 100-105).

Pedagogia desenvolvida metodologicamente, no projeto aqui mencionado, com leituras estruturadas em Vygotsky apud Coutinho (1992). Uma vez que propomos um certo contato com elementos simbólicos³ (CASSIRER apud MOURA, 2000) da cultura (culinária e vestimentas) africana que influenciam diretamente nos costumes e tradições afrodescendentes brasileiros: como o cuscuz e a canjica de milho, diversos grãos sendo o mais comum o feijão preto, tubérculos como a mandioca e frutas tropicais de nossos lugares cotidianos sendo a melancia, manga e a banana as mais usadas na construção do projeto pelos estudantes; além das roupas e artefatos, como as lanças, dos grandes guerreiros (apresentadas pelos meninos) e saias longas e vestidos e turbantes (apresentadas pelas meninas) que refletem diretamente no modo de ser/viver cultural afro-brasileiro criado a partir da cultura africana. Assim, como base epistêmica didática para construção e desenvolvimento do projeto usamos como base o conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal⁴ (ZDP), para direcionar as atividades ao modo que os estudantes venham a apropriarem-se em “internalizar os elementos do entorno sociocultural” (SOUZA, 2011, p. 55) em que vivem.

Tais apropriações e internalizações fizeram-se possíveis no choque crítico reflexivo – que levaram estudantes à perceberem que são pessoas negras e que se inserem à cultura afro-brasileira, logo de descendência

³ Simbólicos pois entendemos que estes – claro, além de materiais – representam a expressão significativa da construção histórico-cultural do povo afro-brasileiro.

⁴ Segundo Souza (2011, p. 55-56), no que confere ao ensino de geografia, a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), obtida mediante leituras em Vygotsky, é conceituada como base epistêmica didática responsável por proporcionar uma abordagem crítica “capaz de promover no aluno a compreensão das diversas espacialidades das quais ele faz parte: do lugar vivido, do seu cotidiano, das relações socioespaciais nas quais está inserido etc”.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

africana – construído na “mediação semiótica” (COUTINHO, 1992, p. 142). Esta, logo, passo inicial da internalização que leva à ZDP, pois possibilita “transformações sócio-históricas” no processo pedagógico educacional. Há exemplos como compreender que a culinária africana está contida em nosso cotidiano; conforme aponta a figura 3 que por si descreve o espaço de realização do projeto. Um espaço relacional que, na descrição e explicação dos valores cotidianos da cultura Africana, proporcionou uma conscientização na medida em que problematizamos qual o nosso entendimento e nosso trato sobre a diferença tão próxima entre nós; seja no comer, dançar e/ou até vestir.

Figura 3 – Alimentos e Culinária africana presentes em nosso cotidiano.



Fonte: SOUSA FILHO, Hudson Nascimento de. Novembro de 2017.

Como técnicas pedagógicas de ensino aplicou-se um espaço de diálogo com discussões em torno da cultura afro-brasileira, apontando o porquê que devemos respeitá-la, produzindo laços de uma educação antirracista. Assim, essas atividades tiveram como objetivo apontar todo o aparato educacional diverso presente nessa cultura, sendo avaliadas constantemente por meio da aprendizagem e assimilação dos conteúdos por parte dos participantes. Ora a participação do público alvo se realizou com a construção da

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

representatividade dos costumes africanos diversificada na vestimenta, nas danças e culinárias típicas engendradas desta cultura.

Todo o cronograma de atividades desenvolveu-se no dia 20/11/2017, seguindo a presente ordem cronológica de realização do projeto de ensino e aprendizagem:

- 08:00 às 10:00 horas – Oficina de conscientização contra o racismo e demais preconceitos étnico-raciais para construir uma valorização da cultura afrodescendente brasileira. Aspectos socioespaciais que devem ser superados em nossa sociedade, contrapondo estes valores por meio da aplicação de conteúdos socioeducativos culturais antirracistas em torno da diversidade.
- 10:00 às 12:00 horas – Aproximação com a cultura afro-brasileira a partir de danças, das culinárias regionais e vestimentas típicas do povo negro que se usa e que constrói territórios no Brasil. Tudo a ser exposto por meio de atividades desenvolvidas pelos alunos, tais como: apresentação artística de danças com caracterização das(os) estudantes participantes, e exposição de feira culinária.

Percebemos que somos iguais ao povo africano no comer e no vestir. Então por que sermos racistas com nós mesmos já que somos personagens da cultura afro-brasileira? Atividades, portanto, que nos levaram a compreender que o racismo implica em sofrimento e não se limita ao discurso. Podendo ser de forma física, com práticas agressivas contra pessoa de cor preta, ou simbólica, expressa nas relações de poder materializadas de forma relacional preconceituosamente na sociedade brasileira. Questões que nos obrigam, como educadores críticos e reflexivos, a desenvolvermos práticas educacionais voltadas à estudar o conceito de diversidade e sua dinâmica social como potenciais educacionais a não mais mascararmos o racismo “produto de uma cultura (no caso, a cultura brasileira) e está inserido nas práticas presentes na

totalidade das instituições – escolas, famílias, religiões etc.” (KAERCHER, 2011, p. 94).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Educação gera respeito se entendemos que uma educação antirracista é necessária e contribui diretamente na formação da “identidade profissional” (PIMENTA; LIMA, 2004), do ser professora(or), construída durante o estágio. Portanto, para os professores e estudantes da educação brasileira cabe compreender a infinita diversidade presente no território e que o racismo existe culturalmente devido a ótica de poder hegemônico dominante que sobrepõem raças as outras. “É impossível imaginar uma cidadania concreta que prescindia do componente territorial” (SANTOS, 1987, p. 117) e, para tal, ajudaremos a formar cidadãos críticos e democráticos na medida em que trabalharmos aspectos do contexto socioespacial que nos permitam “enxergar” o leque cultural diverso do mundo, para não mais julgarmos as pessoas pelas suas aparências fenotípicas. Mas entendermos que o sistema capitalista, e suas diversas atrocidades, corrobora para exclusão de classes inferiorizando – com padrões pré-definidos e valores impostos – povos e territórios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Federal nº 12.519, de 10 de Novembro de 2011. **Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/L12519.htm>. Acesso em: 15 de Outubro, 2017.

_____. Presidência da República. Secretaria - Geral. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência e desigualdade racial 2014**. Brasília: Presidência da República, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A
PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

CAMPOS BRASIL, Colégio Estadual. Projeto político pedagógico (PPP). Araguaína: **Diretória Regional de Educação de Araguaína**, 2017.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e política**: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha. **Psicologia da educação**: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação: ênfase na abordagem construtivista. Belo Horizonte: Editora Lê, 1992.

GOULART, Ligia beatriz; ANTUNES, Márcio Fenili. Território, territorialidade e diversidade. In: GIORDANI, Ana Claudia Carvalho [et al.] (orgs.). **Curso de aperfeiçoamento produção de material didático para diversidade**. 3. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAÚJO, F. G. B.; HAESBAERT, R. **Identidades e territórios**: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007, p. 33-56.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Racismo e educação antirracista: desafios contemporâneos da escola na busca de uma educação que contemple a diversidade. In: TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; (org.). **Curso de aperfeiçoamento produção de material didático para diversidade**. Porto Alegre: Evangraf; UFRGS, 2011, p. 93-99.

_____. Pedagogias da racialização ou dos modos como se aprende a “ter” raça e/ou cor. In: TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; (org.). **Curso de aperfeiçoamento produção de material didático para diversidade**. Porto Alegre: Evangraf; UFRGS, 2011a, p. 100-105.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia é nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Porto Alegre: AGB – Seção Porto Alegre, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: CIPRIANO, Carlos Luckesi. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARX, Karl. **Prefácio à contribuição à crítica da econômica política**. 2º ed. São Paulo: Expressão Popular. 2008.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A
PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ratzel**: Geografia. São Paulo: Editora Ática, 1990.

MOURA, Marinaide Ramos. O simbólico em Cassirer. **Ideação**, Feira de Santana, n. 5, p. 75-85, jan./jul. 2000.

P. BARBOSA. A violência contra a população de negros/as pobres no Brasil e algumas reflexões sobre o problema. **Revista de Ciências Sociais**, 2015.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M.S. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. – 4. ed. 9. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

VESENTINI, José Willian. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org.). **A Geografia na sala de aula**. 8ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Laura Oliveira Carneiro de. **Quilombos**: identidade e história. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SOUZA, Vanilton Camilo de. Fundamentos teóricos, epistemológicos e didáticos no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 47-67, jan./jun., 2011.

Hudson Nascimento de Sousa Filho - Atualmente é Graduando e orientando em iniciação à pesquisa na Universidade Federal do Tocantins-Araguaína e membro atuante do Grupo de Estudos Agrários e Direitos Humanos (GEADH). Com estudos voltados à questão agrária no Tocantins, pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC - CNPq).

Radu Armand Serbu – Graduando em Geografia pela UFT. Graduado em Medicina.

Reges Sodré - Graduado em Geografia, Licenciatura, pela Universidade Federal do Tocantins (2014). Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2016). Doutorando em Geografia pelo IESA/UFG. Desenvolve pesquisa sobre rede urbana, violência urbana, cidades médias e pequenas no estado do Tocantins. É membro dos grupos de pesquisas Estudos Geográficos da Amazônia e do Tocantins - GEGATO e do Grupo de Pesquisa sobre

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE RELACIONAL NO TERRITÓRIO A
PARTIR DO ESTÁGIO INVESTIGATIVO

Hudson Nascimento de Sousa Filho
Radu Armand Serbu
Reges Sodré

Educação, cultura, desigualdades e desenvolvimento regional (GPECDD). Atualmente é professor substituto da Universidade Federal do Tocantins. Durante a graduação foi bolsista de Iniciação Científica (2011-2013, PIBIC/CNPq) e monitor de Climatologia (2013-2014).

Recebido para publicação em 24 de maio de 2018.

Aceito para publicação em 18 de novembro de 2018.

Publicado em 24 de novembro de 2018.